



9º Simposio de Ensino de Graduação

HAMLET E MAQUIAVEL

Autor(es)

LUCIANA F. DE C. ROMANO NETO

Orientador(es)

RENATA CRISTINA COLASANTE

1. Introdução

O presente trabalho foi feito como conclusão do curso de Literatura I do curso de Letras Inglês. Nele, tentou-se fazer uma relação entre a obra Hamlet, de Shakespeare com o livro O Príncipe, de Maquiavel. Contudo, o meio para interligar essas duas obras, foi também estabelecer relação interdisciplinares de literatura e filosofia. Apontando, através de exemplos, traços do pensamento maquiavélico dentro das atitudes de Hamlet, de Shakespeare. É de extrema relevância ressaltar aqui que o termo “maquiavélico” empregado por diversas vezes nesse trabalho, nada tem de ver com o conceito do senso comum, como algo pejorativo e maldoso. Na verdade, ser maquiavélico demonstra a justiça e a ordem.

2. Objetivos

Esse trabalho tem como objetivo principal demonstrar traços do pensamento maquiavélico na obra Hamlet, de Shakespeare. Para tal, as obras a seguir servirão como base para as fundamentações teóricas: O Príncipe, de Maquiavel e Hamlet, de Shakespeare. A idéia central aqui é manter relações entre essas duas obras, apontando semelhanças no que tange o aspecto psicológico da personagem de Hamlet e suas convicções que o conduziu à vingança. Para iniciar essa discussão, é necessário que se entenda um pouco da genialidade de Shakespeare e da complexidade de Hamlet. Primeiramente, em relação ao escritor inglês, não podemos deixar de salientar a importância de suas obras no contexto histórico do século XVI e XVII, bem como sua contribuição para a literatura inglesa e mundial. No teatro elisabetano, Shakespeare teve maior visibilidade, pois foi parte de uma era crescente para a arte da dramaturgia, destinada aos poderosos e com posição social bastante privilegiada. Suas primeiras obras tendem a retratar a realidade da sociedade inglesa da época, o que mais tarde transcende e passa a analisar de forma mais profunda a psicologia. E justamente por isso, mantém sua contemporaneidade, uma vez que retratou sentimentos tão presentes na vida humana. Shakespeare trata a alegria com a mesma intensidade que toca a tristeza; aponta a vingança como meio de libertação, assim como demonstra uma paixão que resiste ao ódio de duas famílias. Hamlet, considerado uma das obras mais importantes de Shakespeare, ocupa esse posto por demonstrar tão claramente as questões que um ser humano pode carregar dentro de si e, como esse ser humano é capaz de arquitetar um plano tão cheio de detalhes e ter sido pensado para funcionar.

3. Desenvolvimento

O filósofo que foi contemporâneo a Shakespeare, Maquiavel, e criou uma das frases de maior impacto dentro da política italiana: “Os fins justificam os meios”, que significa dizer que para manter a ordem no reino, o príncipe deve fazer uso da crueldade, se tiver que optar; da lei que é um método humano, mas também da força que é um método característico dos animais, em tempos de guerra. Para Maquiavel, “a qualidade do homem que o capacita a realizar grandes obras e feitos”, se relaciona com a deusa pagã, virtú. Em Hamlet, essa “virtude” de conseguir realizar grandes feitos norteia toda a obra de Shakespeare, uma vez que Hamlet busca enfim,

praticar a vingança da morte de seu pai. Para que a vingança aconteça, Hamlet almeja durante todos os atos da peça convencer a si próprio de que será, de fato, seu maior feito. Foi baseado nas duas obras citadas anteriormente que conseguiu-se chegar ao ponto comum apresentados através dos exemplos, como já mencionado aqui. A proposta do trabalho foi demonstrar traços do pensamento de Maquiavel em Hamlet. E ao final, foram levantadas três hipóteses para justificar essa semelhança.

4. Resultado e Discussão

Hamlet se vê por diversas vezes durante a peça em dúvida, como já foi dito anteriormente, usando seu próprio inconsciente para convencer-se de sua obrigação, como que num jogo mental, ele dialoga consigo, o que aparenta ser insanidade (“Senhor não posso dar-vos uma resposta sã; tenho o juízo doente.” – Pág. 104), mas que na verdade é Shakespeare mostrando à sua platéia (e fica claro a genialidade de Shakespeare, quando ele empresta a voz de seus personagens para dialogar com seus leitores), traços do que é o bem e o mal, sentimentos que compõem a natureza humana. Shakespeare explicita a quem quiser analisar que a decisão entre o bem e o mal é tão difícil que pode se confundir com a loucura. Já para Maquiavel, são as experiências humanas que separam os homens de excelência com o restante. Os primeiros sabem fazer uso das oportunidades, sem deixar-se levar pelo acaso. Portanto, para o filósofo Maquiavel, não há um bem inquestionável, nem tampouco, um mal absoluto. Como resultado dessa pesquisa, vemos Shakespeare colocando Hamlet no centro dessa definição de Maquiavel, onde a exatidão e a simetria não existem. Hamlet, ao se deparar com tal indecisão, parte em busca do equilíbrio entre esses sentimentos que dividem o caráter humano. E através da comparação entre as duas obras, constatou-se que os conceitos da época, como bem e mal, certo e errado, faziam parte de um senso comum explicitada nessas duas obras. Uma vez que não apenas na literatura, mas também na política, como é o caso de Maquiavel, o importante era o resultado final, não importando como se chegaria a esse final.

5. Considerações Finais

Contudo, conclui-se que apesar das muitas semelhanças entre a peça de Shakespeare e a obra de Maquiavel, como demonstrada até então, a justificativa para que o ato final de Hamlet seja de fato uma grande tragédia passam por três hipóteses: 1- Principal de todas - é que essa é uma peça trágica, onde aspectos de comicidade não têm espaço; 2- As dúvidas de Hamlet fazem com que ele não se adéque ao que Maquiavel considera um bom príncipe, que tem o dever de governar com mãos de ferro, como já mencionado anteriormente; 3- E por fim, Hamlet cultivou ao longo de sua trajetória o ódio entre seus inimigos, matando Polônio, enlouquecendo Ofélia, que também se mata. Todos esses desatinos não poderiam resultar em ordem no reino da Dinamarca. Por isso, Hamlet, nos apresenta durante toda sua trajetória características latentes de cunho maquiavélico, no entanto, por sua densidade psicológica, e até por ser personagem shakespeariano, seu peso é maior, tanto mais que ultrapassa os limites de sua obra e transcende, chegando muito próximo do que nós leitores entendemos por sentimentos humanos. Hamlet chega quase a existir, e se confunde em vários momentos com a voz de Shakespeare, ora dando espaço a seu criador para que ele possa ter essa troca de experiências com seu público leitor, ora abafando seu próprio texto para saltar aos nossos olhos, e assim, se fazer entender como um indivíduo independente e profundo conhecedor da condição humana. Contudo, pode-se afirmar que há de fato semelhanças entre as obras, sejam elas de acordo com o formato das obras literárias, ou sejam pela conteúdo.

Referências Bibliográficas

SHAKESPEARE, William. Hamlet. Texto Integral; Tradução: José Antonio de Freitas. – São Paulo: Martin Claret, 2010 – Coleção a obra-prima de cada autor; 39. MAQUIAVEL, Nicolau. O Príncipe. Comentado por Napoleão Bonaparte - Texto Integral; Tradução: Pietro Nasseti – Editora Martin Claret, 2006. BLOOM, Harold. Hamlet Poema Ilimitado; Tradução: José Roberto O’Shea. – Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2004. The Sound of Shakespeare. Disponível em: <http://www.marvinfrench.com/p1/odds&ends/shakespeare.pdf>. Acesso em: 20 Jun. 2011. Um Estudo sobre o Hamlet, 2001 – Arnaldo Poesia. Disponível em: <http://www.starnews2001.com.br/hamlet.html> Acesso em: 13 Jun. 2011. Erich Auerbach e a Crítica Literária em Mímesis, 2008 Disponível em: <http://www.cronopios.com.br/site/ensaios.asp?id=3208> Acesso em: 13 Jun. 2011. A Natureza da Política em Shakespeare e Maquiavel – Miguel Chaia Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v9n23/v9n23a11.pdf> Acesso em: 13 Jun. 2011. JustTV: Loucuras Filosóficas do Alexandrelli – Programa sobre Maquiavel-17/09/09 Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=qVKnZlKvqoM> Acesso em 30/05/11